

INVESTIGAÇÕES DE AUTORIA E PUBLICAÇÃO

Pasta no OneDrive com mais de 100 artigos para baixar:

<https://1drv.ms/u/s!Aj6kOBkyV630khcEvKdfnFl6K5aP?e=hcoacK>

Autor: Sérgio Barcellos Ximenes.

[Artigos no Medium](#) | [Blog literário](#) | [Scribd](#) | [Twitter](#) | [Livros na Amazon](#)

"A Morte do Capitão-Mor", o drama teatral inédito de Fagundes Varela

Resumo

Temas: a única peça teatral de Fagundes Varela que foi preservada em sua quase integralidade, transcrita pela primeira vez a partir do manuscrito original; a transcrição inédita da única resenha conhecida de "Baltazar", o drama abolicionista desaparecido de Varela; e a revelação da importância de "A Morte do Capitão-Mor" para a solução do problema de autoria de "Um Roubo na Pavuna", história atribuída erroneamente a Luís da Silva Alves de Azambuja Susano.

Autor do drama teatral "A Morte do Capitão-Mor": Luiz Nicolau Fagundes Varela (1841-1875).

Ano provável de criação: 1864.

Forma do texto: manuscrito, disponível no site da Academia Brasileira de Letras (89 páginas).

Relação de Fagundes Varela com o Teatro:

1. Artigo "O Drama Moderno", escrito para a "Revista Dramática", de São Paulo, e publicado em 6/5/1860 (número 1, páginas 14 e 15).

2. Criação da cena cômica "39 Pontos", um monólogo representado pela atriz Gabriela em setembro de 1864, a partir da inauguração do Teatro de São José (SP).

3. Criação do drama teatral "A Morte do Capitão-Mor", em três atos, provavelmente em 1864 (não há notícias sobre sua encenação).

4. Criação do drama abolicionista "Baltazar", em 1870, resenhado por Pessanha Póvoa no "Diário do Rio de Janeiro" em duas edições: 25/6/1870 (número 173, páginas

3 e 4) e 27/6/1870, (número 175, páginas 2 e 3); possível lançamento da obra em livro pela livraria do Editor Coutinho, no mesmo ano (não há notícias sobre o lançamento).

Principais menções literárias a "A Morte do Capitão-Mor":

- . 1875: artigo no jornal "The Anglo-Brazilian Times" (indisponível).
- . 1906: artigo "O Poeta Varella", de Ubaldino do Amaral, na revista "Kosmos" (número 2, página 21), em fevereiro.
- . 1941: matéria anônima na revista "Vamos Ler!" (14/8/1941, número 263, página 24), ilustrada com duas imagens do manuscrito.
- . 2000: resumo do enredo da peça no livro "Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX" (páginas 137 e 138), de Elizabeth Ribeiro Azevedo.

Importância do drama teatral na solução do problema de autoria de "Um Roubo na Pavuna" (história atribuída a Luís da Silva Alves de Azambuja Susano): trecho da peça em que Varela, por meio do personagem Bruno, qualifica o tio Carlos Arthur Busch Varella (o verdadeiro autor de "Um Roubo na Pavuna") como um "escritor de meia tigela" e a obra como uma "desastrada novela", motivado pela inimizade entre os dois.

Estabelecimento da falsa autoria de "Um Roubo na Pavuna": Sacramento Blake, no volume VI do seu "Diccionario Bibliographico Brasileiro" (página 467), 1899.

Principal abonação à falsa autoria: crítico literário Antonio Candido, em "Formação da Literatura Brasileira", Volume II, página 109, 2000: "primeiro romance histórico brasileiro".

Informação sobre a relação entre "A Morte do Capitão-Mor" e "Um Roubo na Pavuna": Frederico Pessoa de Barros, em "Poesia e Vida de Fagundes Varela", páginas 160 e 161, 1965.

Apresentação

O poeta Fagundes Varela (1841-1875), autor de "Cântico do Calvário" e "Vozes da América", também desenvolveu atividade literária na crônica, no conto e no teatro. Este artigo focará apenas em sua atividade de dramaturgo, a menos conhecida de todas devido à total ausência de textos disponíveis.

Aliás, não total: das peças teatrais atribuídas a Varela, somente uma sobreviveu, em manuscrito. Estranhamente, jamais foi publicada em livro, apesar de seu texto se encontrar quase integralmente preservado. Há alguns anos, o manuscrito se tornou

disponível no site da Academia Brasileira de Letras, mas essa informação não consta de páginas da Web dedicadas ao poeta, nem da página do autor na Wikipédia.

"A Morte do Capitão-Mor" é o título do drama. A letra do manuscrito foi reconhecida pela irmã do poeta, Ernestina Fagundes Varela.

O crítico teatral Fagundes Varela

A primeira relação conhecida de Varela com o Teatro deu-se na "Revista Literária", publicação de iniciativa de acadêmicos e estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo. Varela contribuiu com um artigo no primeiro número da revista, ainda como um poeta desconhecido (lançaria o primeiro livro, "Noturnas" no ano seguinte, em 1861), e ainda distante da vida de estudante de Direito (três anos antes do seu ingresso na Faculdade).

O Drama Moderno

O DRAMA MODERNO.

A quadra dos triumphos de Shakspeare e passada; seu phantasma sombrio seguido dos de Racine e Corneille, Holberg e Molière, Ottway e Van-Vondel, ha muito que perdeo-se na sombra acompanhando o caixão mortuário da Escola Classica.

Vazio de illusões e de sonhos, dominado pela triste realidade da vida, nosso seculo quer a expressão fiel de suas paixões, a representação exacta de suas amargas peripecias; para elle Othelo é uma hyperbole ridicula; Romeo e Julietta uma fabula divertida; Tartufo e o Avarento estupidas exagerações; Cinna, Merope, Orestes e Andromaca fastidiosas recordações de barbaros tempos, e cujo verdadeiro merito consiste em provocar o sono.

As furiás, os punhaes, as taças de sangue, os sonhos pavorosos, são extravagancias e patacoadas que só commovem as creanças, assim como os colloquios amorosos á sombra dos salgueiros, as promessas de eterna fidelidade e constancia, pôdem apenas impressionar alguma inocente pensionista de collegio, ou timido alumno de seminario.

O theatro Francez foi o primeiro a lançar por terra todas estas antiqualhas; cedo o Odeon deixou de retumbar com os gritos e imprecações de Macbeth, e as lugubres queixas de Orestes, para dar lugar ás palavras cheias de sentimento e poesia dos heróes de Dumas, Scribe e Alfred de Musset: cedo as decorações sombrias de florestas e castellos desaparecerão, os raios e trovões, as batalhas e os ataques, cessarão de atormentar os espectadores; e o interior tranquillo de nossas habitações, as scenas tristes da mizeria, o quadro da devassidão e libertinagem do seculo veio offerecer ao povo exemplos verdadeiros e novos do mesmo tempo; veio tocar-lho de manso na ferida que lhe corroia o seio.

... Tonais

Nem podia ser pelo menos; depois de considerado pelo seu lado mais barbáro e feroz, depois de ridicularizado e coberto de nodos, o homem devia ser justificado; e quando a duvida e desânimo se infiltráão em seu coração, quando D. Juan, Faust e Manfredo tornáram-se personagens reaes, a justificação apparece. D'ahi a fonte mais certa da escola moderna. Ella não considera o homem como um cidadão, como um membro d'esta grande família que se chama sociedade, sujeito a todas as suas leis, a todos os seus preconceitos e convenções; mas sim o homem em si mesmo, amando, soffrendo, censlando se, entregando-se a todos os impulsos de sua alma.

Ella não attrahe o odioso horror sobre seus personagens, ella não os pinta com luctulentas cores, não lhes estampa na fronte o labéu da maldição, ella não maldiz, mas consola; ella não acuza, mas perdoa e justifica.

Collocai, ou antes imaginai Margarida Gauthier, esse padrão de gloria de Dumas filho; debaixo da pena ensanguentada de Shakspeare; elle quebraria os traços d'essa estatua tão bella, elle arrancaria de suas mãos o formoso ramalhete de camelias para substituir com as flôres desbotadas de algum cemiterio, elle a cobriria emfim com um véu de luto e desespero.

Molière faria peior com a sua ironia descarnada, com o seu pincel molhado no lodo.

L. N. F. Varella.

Revista Dramatica, São Paulo, 6/5/1860, número 1, páginas 14 (primeira e segunda colunas) e 15 (primeira coluna).

<http://memoria.bn.br/DocReader/818682/14>

<http://memoria.bn.br/DocReader/818682/15>

A impetuosidade e a ânsia de exibição de cultura do jovem Varela (então com menos de 20 anos) custaram-lhe caro. A fraqueza de argumentos, apontada por seus biógrafos, foi registrada na época por R. Frei-Guia, no número 5 da mesma *Revista Dramática*. O artigo desmontou item a item os argumentos de Varela.

*Considerações sobre o artigo do Snr.
L. N. Varella—O drama moderno.*

A facilidade com que em no so tempo de destruição e reformas, se lança por terra, o que, de mais santo existiu no passado; o insignificante culto prestado aos venerandos restos de tudo o que respeitaram as gerações que se foram, de tudo que nos tem servido de bussola nos primeiros tempos do seculo das lâzes; essa facilidade, abandonando o campo dos costumes, escarnecedo da política séria, quer hoje invadir o terreno da arte.

Considerações sobre o artigo do Snr. L. N. Varella — O drama moderno, Revista Dramatica, 3/6/1860, número 5, páginas 19 e 20.

<http://memoria.bn.br/DocReader/818682/19>

<http://memoria.bn.br/docreader/818682/20>

Terminava ali a carreira de Fagundes Varela como crítico dramático.

O dramaturgo Fagundes Varela

Como autor teatral, Varela foi bem mais feliz.

Estudante da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (1863-1865), Varela participou do grupo mais arruaceiro da instituição, cujo comportamento levou algumas mentes conservadoras a solicitarem o próprio fechamento da Faculdade.

Tornou-se logo uma espécie de líder e ídolo dos jovens festeiros e rebeldes, por seu estilo de vida e temperamento extrovertido. Poeta, gostava de declamar em público, hábito reforçado pelos aplausos e elogios que recebia a cada apresentação.

Essa combinação de circunstâncias encontrou seu mais perfeito ambiente no Teatro, em especial no Teatro de São José, inaugurado em 1864. O Teatro, que viria a ser destruído por incêndio em 1898, situava-se na Rua do Imperador, de frente para o Largo São Gonçalo (atualmente, Praça João Mendes).

Logo na inauguração do Teatro, em 4 de setembro de 1864, o prédio ainda em obras (seria reinaugurado em 11 de março de 1876), Varela contribuiu para o espetáculo de abertura com um monólogo teatral inédito de sua autoria, conforme se pode ler neste trecho do livro "Um Palco sob as Arcadas", de Elizabeth Ribeiro Azevedo:

O Teatro São José começou a ser construído em 1858. Desde 1854, havia sido estabelecido um contrato entre a província de São Paulo e Bernardo Quartin para a realização da obra.

Depois de várias discussões e avaliações técnicas, concluiu-se que o local mais indicado para a construção seria onde hoje se encontra a praça João Mendes. De projeto luxuoso, o novo teatro diferenciava-se da simplicidade rústica da Casa da Ópera. Dele constavam 80 camarotes, em 3 ordens (depois aumentadas para 4), tribuna “decente” para a Presidência, corredores largos, platéia de 300 assentos e 100 cadeiras (sic), guarda-roupas e camarins, exterior construído em tijolo.

A 7 de abril de 1858, foi lançada a pedra fundamental, naquela que, até então, fora a cerimônia mais faustosa da história da cidade. O teatro era o seu centro; o governo, a sociedade o reverenciavam como algo além de profano: o Presidente da Comissão na Câmara “lançará a primeira pedra que lhe será apresentada por dois anjos”. (AMARAL, 1979: 77) Houve canções, orações, sinos e salva de 30 tiros. As casas à volta do largo enfeitaram-se e as “famílias” tiveram lugar especial.

A inauguração oficial do prédio ocorreu em 4 de setembro de 1864, apesar de a construção ainda estar inacabada. O proscênio era pouco espaçoso, eram péssimas as acomodações dos artistas, a acústica deficiente, a platéia de chão batido e durante algum tempo “muita gente assistia espetáculos sentadas em cadeiras levadas pelos escravos” (AMARAL, 1979: 91). Foram apresentadas as peças *A túnica de Nessus*, do acadêmico Sizenando Nabuco de Araújo, e a comédia de um seu colega, Luís César Pinheiro Guimarães – *Briga de galo*. A seguir foi interpretado um monólogo de Fagundes Varela (também acadêmico) – *39 Pontos*.

O teatro São José pegou fogo em 1898 e foi reconstruído posteriormente.

"Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX", página 37, Elizabeth Ribeiro Azevedo, Editora Annablume, 2000.

https://books.google.com.br/books?id=L_CDjBFsfWwC&lpg=PA37&ots=cL0hDHbZLJ&dq=%22fagundes%20varela%22%20%2239%20Pontos%22&hl=pt-BR&pg=PA37#v=onepage&q=%22fagundes%20varela%22%20%2239%20Pontos%22&f=false



O Theatro S. José, depois de sua inauguração, ainda inacabado.

<http://mmdcnorte.blogspot.com/2016/09/o-primeiro-theatro-sao-jose-gloria-1864.html>

A participação de Varella foi registrada pelo jornal "Correio Paulistano", a partir de 20 de setembro daquele ano.

Theatro de S. José

QUARTA-FEIRA 21 DE SETEMBRO DE 1864

EXPECTACULO EXTRAORDINARIO

BENEFICIO DO ACTOR E ENSAIADOR

Lopes Cardoso

Pelos professores da orchestra uma brillante ouverture.

Primeira representação da excellente scena comica scripta expressamente para esta noite pelo distinto academico e notável poeta brasileiro Fagundes Varella, por elle dedicada ao beneficiado, intitulada:

39 PONTOS!

Desempenhada pelo beneficiado.

"Correio Paulistano", 20/9/1864, ano XI, número 2501, página 4, última coluna.

http://memoria.bn.br/docreader/090972_02/268



"Correio Paulistano", 21/9/1864, ano XI, número 2502, página 3, última coluna.

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_02/271



"Correio Paulistano", 23/9/1864, ano XI, número 2504, página 4, última coluna.

http://memoria.bn.br/docreader/090972_02/280

Theatro de S. José

DOMINGO 25 DO CORRENTE

Subirá á scena o bello e applaudido drama em 5 actos, intitulado

A escala social

Terminará o spectaculo com a applaudida scena cónica, do sr. L. N. F. Varella, intitulada

39 PONTOS!

Principiará ás 7 1/2 da noite.

"Correio Paulistano", 24/9/1864, ano XI, número 2505, página 4, última coluna.

http://memoria.bn.br/docreader/090972_02/284

Theatro de S. José

DOMINGO 25 DO CORRENTE

Subirá á scena o bello e applaudido drama em 5 actos, intitulado

A escala social

Terminará o spectaculo com a applaudida scena cónica, do sr. L. N. F. Varella, intitulada

39 PONTOS!

Principiará ás 7 1/2 da noite.

"Correio Paulistano", 25/9/1864, ano XI, número 2506, página 4, segunda coluna.

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_02/288

No dia 25 de setembro, além do anúncio sobre a "cena cômica" escrita pelo poeta, o "Correio Paulistano" registrou a boa receptividade a esse monólogo, interpretado por uma atriz de nome "Gabriela". Tão boa que a plateia exigiu a presença do autor no palco, ao final da apresentação.

As novidades theatraes são nullas desta vez.

Quero dizer, além da **scena comica** do sr. Varella, só representou a companhia o drama *Aristocracia e dinheiro*, peça na qual, apezar de salientes senões, encontra-se sempre aquelle segredo de bem encadeiar as scenas que tanto caracterisa o bello talento do actor e autor Cesar de Lacerda a quem devemos a linda commedia *Probidade* que tantos elogios mereceu aos maiores escriptores portuguezes.

Os actores foram-se bem, sobressalhindo a Gabriella

que desimpenhou magistralmente a sua parte. O monologo 39 pontos tem bastante espirito e agradou muito de sorte que foi chamado á scena o auctor.

* * *

"Correio Paulistano", 25/9/1864, ano XI, número 2506, página 1, terceira e quarta colunas (em "Folhetim").

http://memoria.bn.br/docreader/090972_02/285

Representa hoje a companhia dramatica no theatro de S. José o apreciado drama *Escala social* e a applaudida **scena comica** do snr. Varella—39 Pontos.

* * * . . .

"Correio Paulistano", 25/9/1864, ano XI, número 2506, página 2, primeira coluna (em "Noticiario").

http://memoria.bn.br/docreader/090972_02/286

A partir da edição de número 2508 do "Correio Paulistano" (28/9/1864), o anúncio relativo ao Teatro de S. José passou a destacar a peça "A Dama das Camélias", não mais aparecendo menções a "39 Pontos".

Fagundes Varela mudou-se para Recife no início de 1865, retornando a São Paulo no final do mesmo ano. Em 1866, sua relação com o Teatro ficou marcada apenas pelo poema "Noite Saudosa", letra da canção "Noite Saudosa", cuja música foi composta por Venâncio José Gomes da Costa Júnior.

DOMINGO DIA 2.

Theatro de S. José

Quarta-feira 2 de Maio

Beneficio de Maria Velluti

Depois que a orchestra do snr. Emilio do Lago houver executado a ouverture

UNE CHASSE DANS LES ARDENNES

representar-se-ha o novo drama em 3 actos e 6 quadros, vertido do francez pela beneficiada, que tem por titulo

O INCENDIARIO DE S. POL

Tomão parte no drama o snr. Joaquim Augusto, snra. Julia, a beneficiada, e toda a companhia.

Findo o drama executar-se-ha pela primeira vez a serenata

O CANTO DA CORUJA

Composição miunosa do snr. Emilio do Lago.
Pela joven Hortencia a nova canção

NOITE SAUDOSA

Poesia do snr. Fagundes Varella, e musica
do snr. Venancio José Gomes da Costa Junior.

"Correio Paulistano", 1/5/1866, ano XIII, número 2982, página 3, última coluna.

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_02/2214

O mesmo anúncio.

"Correio Paulistano", 2/5/1866, ano XIII, número 2993, página 4, última coluna.

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_02/2219

Idem.

"Diario de S. Paulo", 2/5/1866, ano XIII, número 219, página 4, última coluna.

<http://memoria.bn.br/DocReader/709557/820>

Idem.

"Correio Paulistano", 9/5/1866, ano XIII, número 2989, página 4, terceira coluna.

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_02/2243

De 26 de abril de 1868 a 11 de julho de 1869, a companhia teatral Empresa Eugênia Câmara teve o controle artístico do Teatro de São José. Em março de 1869, Eugênia Câmara, atriz portuguesa que dava nome à companhia, publicou um anúncio (repetido em várias edições do "Correio Paulistano") expondo seus planos de levar à cena várias peças teatrais nacionais, entre elas um "drama do Sr. Fagundes Varela", não especificado.

THEATRO

A artista Eugenia Camara, tendo alcançado o theatro para dar ao illustrado público desta cidade uma serie de spectaculos até o encerramento da academia, e desejando, para este fim, ligar-se aos seus collegas de arte, que desejarem coadjuval-a em tal empreza,—desde já recebe as propostas dos mesmos.

A mesma actriz, contando com a protecção tanto do corpo academico como da classe commercial, espera contractar alguns artistas da corte afim de poder apresentar entre outros Dramas — nacionaes — varios trabalhos, dos primeiros litteratos desta Nação, alguns dos quaes ainda aqui não re-

presentados, q' terão o duplo resultado—de encher de glórias os seus autores e seu paiz—e contribuirem com as puras tradições da verdadeira arte dramatica para a nacionalização do theatro.

Entre outros dramas à empreza espera levar á scena—Os miseraveis do dr. Agrario Menezes:—O demonio familiar—do exm. conselheiro dr. Alencar—O Gonzaga—de Castro Alves—e o drama do sr. Fagundes Varella e além destes quaequer outros trabalhos que os distintos litteratos brazileiros lhe queiram confiar.

Para vencer as dificuldades que em taes emprezas sóem apparecer, a mesma artista tem aberto uma assignatura de 16 recitas, com o abatimento de 20 por cento, a qual deve ser paga em quatro prestações da seguinte forma :

A primeira na occasião da assignatura, a segunda antes da 5.^a recita. A 3.^a antes da 9.^a recita. A 4.^a antes da 14.

Tomam-se as assignaturas no hotel de Itália, onde, em falta da mesma actriz, poder-se-hão os srs. assignantes entender com o proprietario do mesmo hotel. 6—1

"Correio Paulistano", 19/3/1869, ano XXIV, número 3538, páginas 2 (última coluna) e 3 (primeira coluna).

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_02/4402

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_02/4403

Como a empresa se extinguiu pouco mais de quatro meses depois, é provável que o chamado aos atores e ao público não tenha gerado resposta suficiente para a sua continuidade.

Após um hiato de mais de 5 anos, uma nova notícia relacionava Fagundes Varella: a recitação do poema "Napoleão I", pelo "ator Eugênio" no Teatro Provisório.



"Correio Paulistano", 2/6/1874, ano XXI, número 5312, página 4, última coluna.

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_03/4914

Nessa época, Varella já residia no Rio de Janeiro, onde viria a falecer em 18 de fevereiro do ano seguinte (1875).

"A Morte do Capitão-Mor"

A primeira menção às peças "perdidas" de Fagundes Varela deu-se no jornal "The Anglo-Brazilian Times", em 1875.



"The Anglo-Brazilian Times", 8/1/1878, ano XIV, número 1, página 1.

<http://memoria.bn.br/DocReader/709735/509>

Segundo o jornal, Varela deixara "três dramas intitulados 'A Fundação de Piratininga', em verso, 'Ponto Negro' e 'O Demônio do Jogo', também em verso, tirado dos contos fantásticos de Hoffmann". Essa informação vem da revista "Kosmos", no número de fevereiro de 1906.

De tres dramas encontrados entre os manuscritos do Poeta falla a noticia biographica publicada pelo *Anglo Brasilian Times* em 1875, traduzida para a 1^a edição de *Anchieta*, e successivamente copiada, com todas as suas inexactidões, por diversos biographos e prefaciadores: «tres dramas intitulados *A Fundação de Piratininga*, em verso, *Ponto Negro* e *O Demônio do Jogo*, tambem em verso, tirado dos contos fantasticos de Hoffman».

A Morte do Capitão-Mór não é em verso, não trata da fundação de Piratininga, nada tem de commum com o vicio do jogo, e melhor que *Ponto Negro* lhe assentaria o titulo *A Maldição Paterna*, consoante o assunto. Parece, entretanto, que é de Varella o manuscrito.

Também da revista é a primeira menção detalhada sobre "A Morte do Capitão-Mor". O autor do artigo, Ubaldino do Amaral, afirmava ter em mãos o manuscrito do drama de Varella, e desenvolveu juízos estéticos sobre o texto.

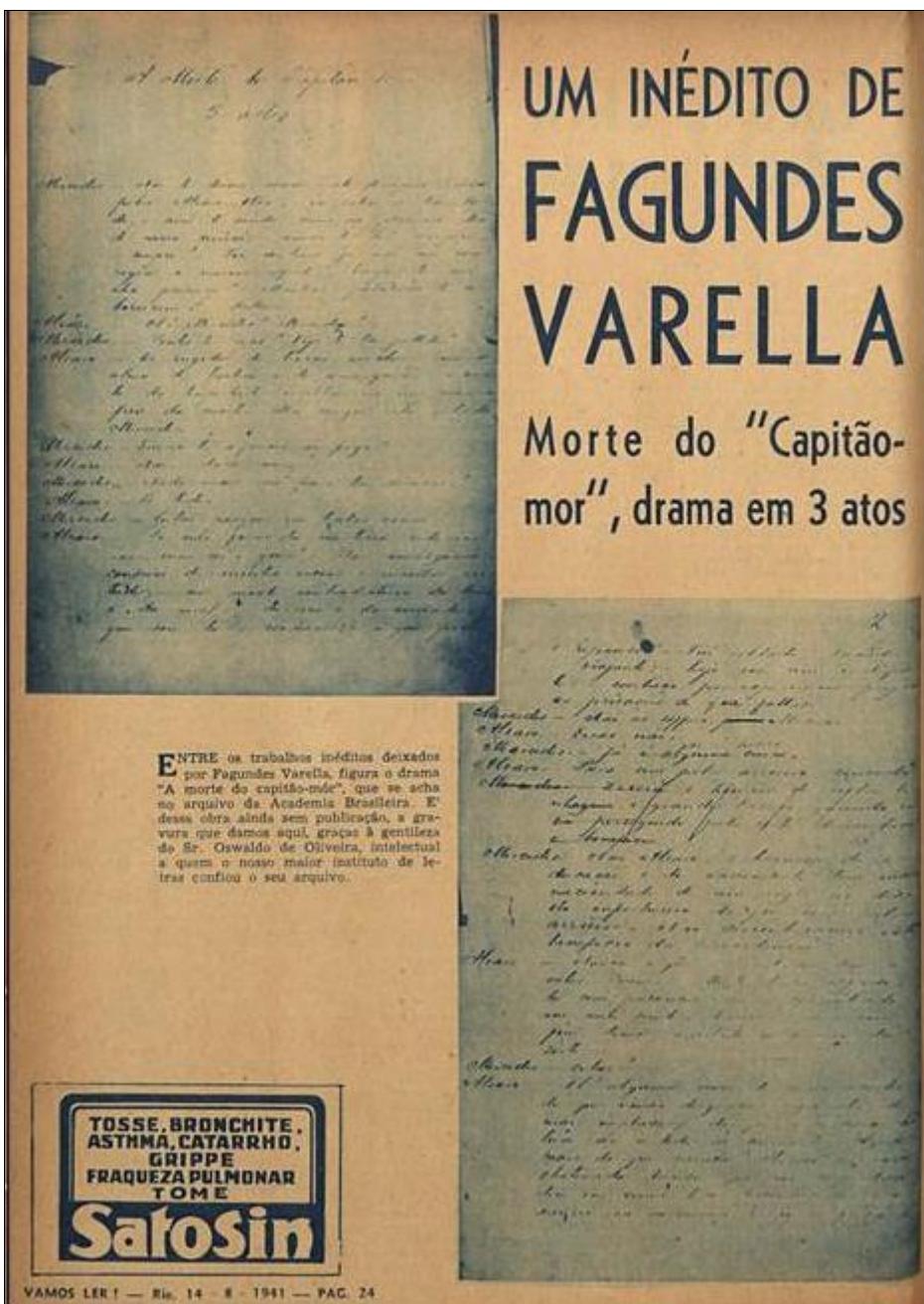
Um drama em prosa, *A Morte do Capitão-Mór*, tres actos, com pequenas faltas, por dilaceração, nas duas ultimas folhas.

A invenção é interessante, tem côr local, e a peça termina por uma scena de grande beleza. O autor, porém, não conhecia o segredo dos bastidores, não calculava com justeza o effeito das luzes e da scenographia, nem estava familiarizado com o monstro de mil cabeças que «paga com seu dinheiro». Elle proprio reconhiceria a necessidade de rever e talvez refundir esse e outros trabalhos que deixou rascunhados em folhas volantes.

"Kosmos", fevereiro de 1906, ano III, número 2, página 21, primeira e segunda colunas (em "O Poeta Varella", artigo de Ubaldino do Amaral).

http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1906_00002.pdf

A menção seguinte pertence à revista "Vamos Ler!", na edição de 14 de agosto de 1841, em comemoração ao centenário de nascimento de Varella. Pela primeira vez, imagens do manuscrito apareceram na mídia.



"Vamos Ler!", 14/8/1941, ano VII, número 263, página 24.

<http://memoria.bn.br/DocReader/183245/12581>

Na edição da "Vamos Ler!", nada além do título, do subtítulo, das duas imagens e de um parágrafo explicativo são mostrados.

Três anos depois, em seu último número (novembro de 1944), a revista paulistana "Clima" publicou o artigo "Um drama inédito de Fagundes Varela", escrito por Edgard Cavalheiro, um dos biógrafos de Varela.

- ⁵⁰ MARTINS, José Fernando de Barros. Martins, editor da Pauliceia. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, n. 67, p. 179, dez. 2011.
- ⁵¹ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 505.
- ⁵² Um drama inédito de Fagundes Varela. *Clima*, São Paulo, nov. 1944.
- ⁵³ Fagundes Varela. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 jan. 1941.
- ⁵⁴ Um estudo sobre Varela. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1941.
- ⁵⁵ O pobre Varela. *Rotogravura O Estado de S. Paulo*, [1] nov. 1940.

473) _____. Um drama inédito de Fagundes Varela. *Clima*, São Paulo, nov. 1944.

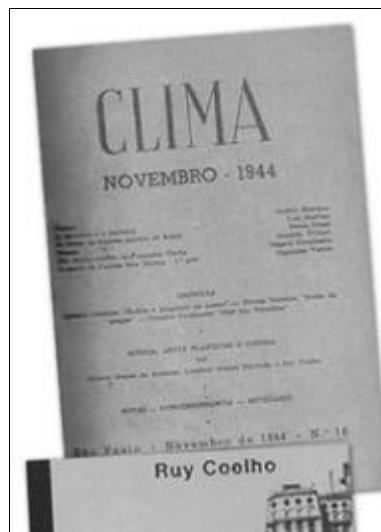
Nota da pesquisa: trata da peça *A morte do capitão-mór*.

USP, FFLCH, CAPH, Arquivo Aziz Simão.

"Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)", páginas 15 e 109, Silvio Cesar Tamaso D'Onofrio, dissertação de mestrado, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP), 2012.

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-30012013-215356/es.php>

Capa da edição com o artigo



<http://revistapesquisa.fapesp.br/2012/11/12/presenca-de-paulo-emilio/>

Não há exemplar disponível da revista, nem ela consta da lista de publicações digitalizadas pela Universidade de São Paulo.

<http://www.revistas.usp.br/wp/>

A revista deixou de ser editada neste número, que trazia somente a primeira parte da peça de Varela.

A única descrição conhecida do enredo de "A Morte do Capitão-Mor" encontra-se no livro já citado de Elizabeth Ribeiro Azevedo, "Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX" (páginas disponíveis no Google Books):

A única certeza a respeito da dramaturgia de Fagundes Varela é um original manuscrito, encontrado na Academia Brasileira de Letras, que lhe é atribuído. Não está assinado, mas Ernestina Fagundes Varela, irmã do poeta, reconheceu a caligrafia como sendo de seu irmão e autenticou a obra – *A morte do capitão-mor*. Vicente Paula Vicente Azevedo dá como data provável da peça 1864, quando o autor estava no segundo ano da faculdade. No mesmo ano escreveu também uma cena cômica, “39 pontos, certamente no gênero de *Meia hora de cinismo*, de França Júnior, exatamente dessa mesma época (*sic*). Costumes acadêmicos, a vida estudantil, a mocidade boêmia” (AZEVEDO, 1966: 213).

De todo modo, é certo de que pelo menos uma peça foi escrita por Fagundes Varela, pois, em março de 1868, quando a companhia de Eugênia Câmara estava para estrear em São Paulo, mandou publicar no jornal o seguinte anúncio:

instantaneamente por Álvaro. É o primeiro dos vários reconhecimentos da peça. O capitão também reconhece Álvaro, embora dissimule. Quando se retira para dormir, pede a Conrado que vigie Álvaro, pois diz tratar-se de um foragido procurado e que só esperaria o amanhecer para mandar prendê-lo. Conversando com Álvaro e Mercedes, Conrado desconfia ser o filho desaparecido do casal, que também se chamava Conrado. Os pais “sentem” que ele é seu filho. Finalmente, todos se identificam e se reencontram verdadeiramente. Tudo estaria terminado, se naquela mesma noite o capitão-mor não fosse assassinado a facadas enquanto dormia.

Os atos seguintes passam-se um ano depois do assassinato de Guilherme de Almeida. Álvaro, Mercedes e Conrado voltaram para a fazenda da família, levando consigo a filha do capitão, que se apaixona por Conrado. Em conversa com Álvaro, Bruno revela que o salteador que procurava era Conrado e que fora também ele quem assassinara o capitão-mor. Conrado acaba admitindo o crime e, numa última cena (praticamente impossível de ler, pois o original está danificado), Sílvia morre (mas não se sabe como) e parece que ele também. Pouco antes, ele havia ameaçado Bruno. Ele o mata? Álvaro teria matado Conrado? Conrado teria se suicidado?

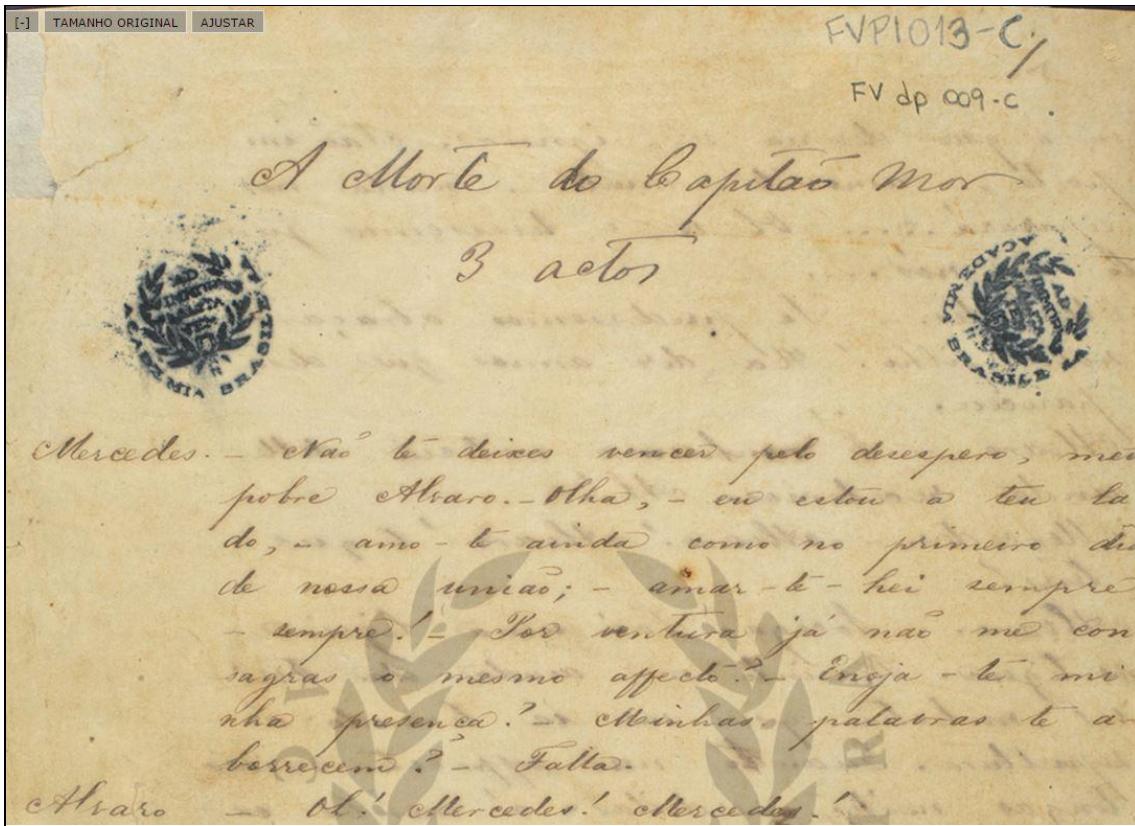
A peça de Fagundes Varela é uma tentativa de drama romântico. Afastando-se da trama de amor, mais comum, procurou no suspense – hoje diria – policial o enredo onde pudesse acomodar personagens como numa história incomum. Há grupos de salteadores que vivem foragidos nas matas, lugares afastados e ermos, ruínas, noite tempestuosa. As personagens acompanham esse mesmo desenho. Filhos renegados, marginais, esquecidos, perdidos, órfãos. O tempo e o espaço no drama não são rigidamente delimitados.

Além disso, personagens, como Álvaro e o capitão-mor, representam as classes mais poderosas da colônia, o que agrava sua queda ou vileza. O final infeliz ajuda a afastar a peça do esquema mais comum do melodrama no qual, depois do vilão punido, as vítimas se regozijam, finalmente, com a vitória do bem sobre o mal. É verdade que o Capitão recebeu aquilo que “procurou”, pois não hesitara em se aproveitar do desentendimento entre Álvaro e seu pai. A provável morte de Conrado, ao final, é menos a punição do criminoso, que poderia até apresentar razões atenuantes para seus atos, do que o fim de alguém, que, pela vida que tinha levado até ali, não se enquadraria na sociedade constituída, onde só poderia continuar

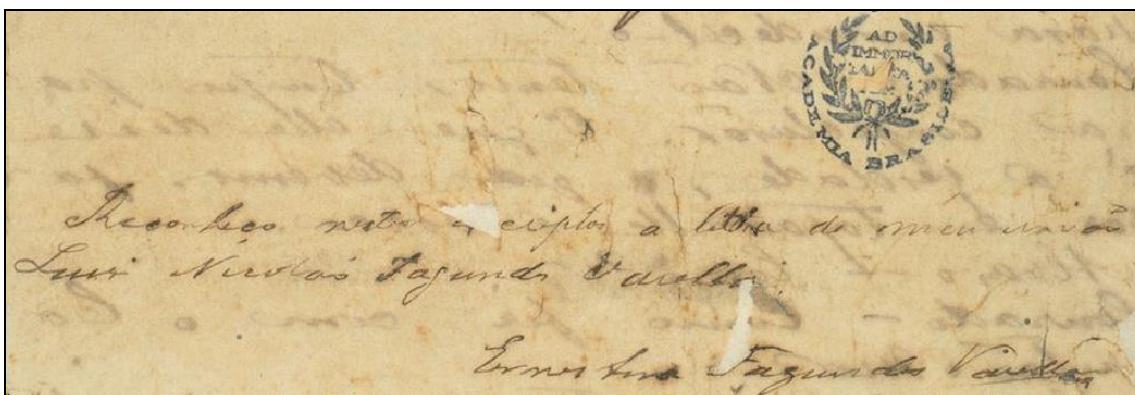
"Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX", páginas 135 e 138, Elizabeth Ribeiro Azevedo, Editora Annablume, 2000.

https://books.google.com.br/books?id=I_CDjBFsfWwC&pg=PA134&lpg=PA134&dq=%22pessanha+povoa%22+%22Fagundes+varela%22+baltasar&source=bl&ots=cK4lEOgVLK&sig=BbagKujanpcC0fLpbqN2H9IXyBg&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjD9uf62JjSAhVCUJAKHXp3DMcQ6AEIHAB#v=onepage&q=%22pessanha%20povoa%22%20%22Fagundes%20varela%22%20baltasar&f=false

O manuscrito de "A Morte do Capitão-Mor" pertence ao Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras (Fagundes Varela é o patrono da cadeira de número 11 da ABL). Abaixo, uma imagem da página inicial da peça.



Ao final do manuscrito, lê-se a confirmação de Ernestina Fagundes Varela, irmã do autor (e também poeta), sobre a autoria da obra: "Reconheço neste manuscrito a letra de meu irmão, Luiz Nicolau Fagundes Varela".



Para acessar o manuscrito, clique neste link:

<http://servbib.academia.org.br/arquivo/index.html>

Em "palavra-chave", digite: capitão.

Em "Arquivo", escolha "Fagundes Varela". Clique em "Buscar".

No resultado único, clique sobre "Documento Textual - Acadêmico".

No número 2, clique em "Detalhes".

Para visualizar uma página, clique na lupa.

Para ler o documento aberto, clique em "Tamanho original".

O texto da peça está completo, mas as últimas páginas se encontram danificadas pelo tempo. O dano maior deu-se justamente na cena do clímax, mas ainda assim é possível entender os eventos decisivos da trama.

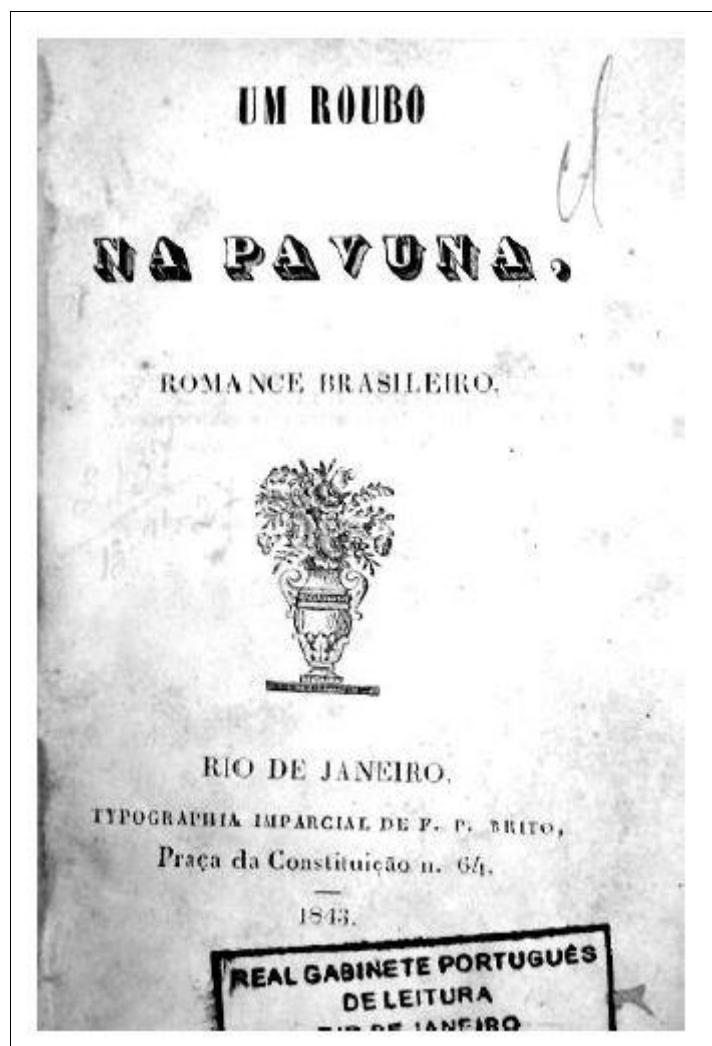
O texto original não foi preparado para uma publicação, como o revelam os erros cometidos por Fagundes Varela: a numeração das cenas possui falhas; palavras estão redigidas erroneamente (exemplo: "encadora", em vez de "encantadora"); algumas falas não estão precedidas do nome do personagem. A caligrafia, legível na maior parte da peça, torna-se prejudicada em certos momentos de pressa do escritor.

A importância de "A Morte do Capitão-Mor" para a solução do problema de autoria de "Um Roubo na Pavuna"

Fagundes Varela era sobrinho de Carlos Arthur Busch Varella (nome de batismo).

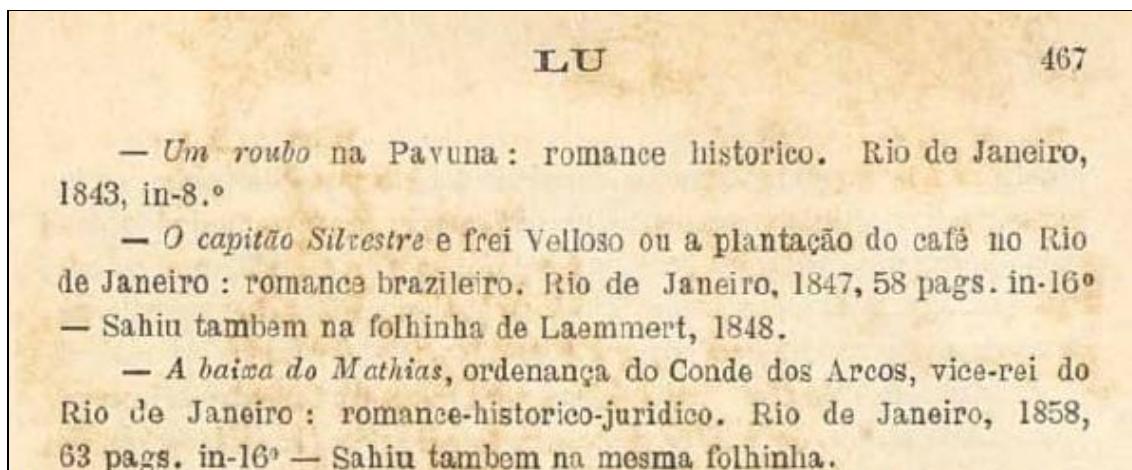
Em maio de 1843, o tipógrafo Francisco de Paula Brito iniciou suas atividades no Rio de Janeiro com o lançamento do "romance brasileiro" "Um Roubo na Pavuna", de autor anônimo.

Pavuna.²⁶⁰ Tratava-se de um livro de oitenta páginas, em pequeno formato e impresso sem indicação do autor que, no entanto, não se absteve de dedicá-lo a sua “prezada mãe”. Não há vestígios de recepção crítica ao romance, assim como não se sabe se Paula Brito apenas o imprimiu ou assumiu os riscos de editá-lo, comprando o manuscrito de seu autor – mais tarde identificado como Luís da Silva Alves de Azambuja Susano.²⁶¹



"Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)", Rodrigo Camargo de Godoi, página 102, tese de doutorado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (SP), 2014.

Em 1899, o dicionarista Sacramento Blake atribuiu "Um Roubo na Pavuna" ao escritor Luís da Silva Alves de Azambuja Susano, autor comprovado de "O Capitão Silvestre e frei Veloso ou a plantação de café no Rio de Janeiro" (1847) e "A Baixa de Matias, ordenança do Conde dos Arcos, vice-rei do Rio de Janeiro" (1858).



"Diccionario Bibliographico Brasileiro", Augusto Vitorino Alves Sacramento Blake, Volume VI, página 467, 1899, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

Daí em diante, a suposta autoria não foi colocada diretamente em questão por nenhum autor, pesquisador ou crítico literário. A mais importante abonação veio de Antonio Cândido, em seu livro "Formação da Literatura Brasileira" (o início do trecho se refere a João Manuel Pereira da Silva).

Como os seus ensaios novelísticos iniciais têm por quadro Portugal, considerou-se o primeiro romance histórico brasileiro *Um Roubo na Pavuna*, de Azambuja Suzano (1843); Teixeira e Sousa publicou anos depois *Gonzaga ou a Conjuração de Tiradentes* (1848); mas o gênero só brilhou realmente no Brasil romântico entre as mãos de Alencar, em *O Guarani* e *As Minas de Prata*, misturando-se ao indianismo.

"Formação da Literatura Brasileira", Volume II, página 109, Antonio Cândido, Editora Itatiaia Limitada, 2000.

Apesar disso, aqui e ali havia pistas sobre o verdadeiro autor da história, mas todas deixadas por autores sem muita expressão na história da literatura, feitas de passagem e sem nenhuma menção a Azambuja Susano.

A mais explícita de todas pode ser lida na biografia intitulada "Poesia e Vida de Fagundes Varela", de Frederico Pessoa de Barros, e foi esta a informação decisiva para confirmar o verdadeiro autor de "Um Roubo na Pavuna", como será revelado em meu futuro livro "O 'Romance Perdido' da Literatura Brasileira e seu Verdadeiro Autor", um relato da pesquisa.

"Nas falas de Bruno, um dos personagens de *A Morte do Capitão-Mor*, o poeta, referindo-se ao malfeitor Gregório Martins, alude a um *escritor de meia tigela* que escreveu sobre ele *uma desastrada novela intitulada Um Roubo na Pavuna*.

"Esse escritor, tão tremendamente qualificado, era o Dr. Carlos [Arthur Busch Varella]".

"Poesia e Vida de Fagundes Varella", páginas 160 e 161, Frederico Pessoa de Barros, Editora das Américas S.A. São Paulo, 1965.

Em outro artigo farei um resumo dessa pesquisa, além de apresentar, pela primeira vez, o texto completo de "Um Roubo na Pavuna".

Carlos Arthur Busch Varella, tio de Fagundes Varella, é o verdadeiro autor dessa breve novela, lançada dois meses antes de "O Filho do Pescador", o primeiro romance brasileiro, de autoria de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa.

Carlos Arthur, de família pobre, dependeu de um favor imperial para estudar como cotista na primeira turma do Colégio Pedro II, no Rio. Por seus méritos, veio a se tornar o mais conceituado advogado do tribunal do júri do Rio de Janeiro, atuando, quase sempre com sucesso, em casos famosos.

Um desses casos, a Questão Capistrano, serviu de inspiração para o enredo do romance "Casa de Pensão", de Aluísio Azevedo. A história dessa relação é contada na seguinte página da Web ("Questão Capistrano — Notório crime passional ocupou as manchetes dos jornais cariocas e foi inspiração para o enredo do romance 'Casa de Pensão'").

<https://www.migalhas.com.br/Quentes/17,MI134548,11049-Questao+Capistrano>

Amigo pessoal do imperador D. Pedro II, Carlos Arthur recebia em sua residência boa parte da elite do Rio de Janeiro e tinha reputação impecável. Em contraste, o sobrinho Fagundes Varella, incapaz de se sustentar, criava repetidas situações de vergonha social para a família: era o mais faltoso estudante de sua turma de Direito, não pagava dívidas (chegado a ser preso pelo crime), foi alvo frequente de processos, escandalizava a sociedade paulistana com seu comportamento e não cuidava de filhos e de esposas, vivendo em estado de constante embriaguez.

Em uma dessas situações de vexame público, os jornais noticiaram a prisão do tio homônimo de Varella, corrigindo a informação somente depois de feito o estrago.

Os familiares temiam o efeito da irresponsabilidade de Varella no bom nome dos parentes, e Carlos Arthur temia o efeito em sua clientela selecionada e em sua relação de amizade com D. Pedro II.

E Varella, tendo alma de artista rebelde e incomprendido, odiava ter sempre a figura de Carlos Arthur apontada pela família como exemplo de bom comportamento, oposto ao dele.

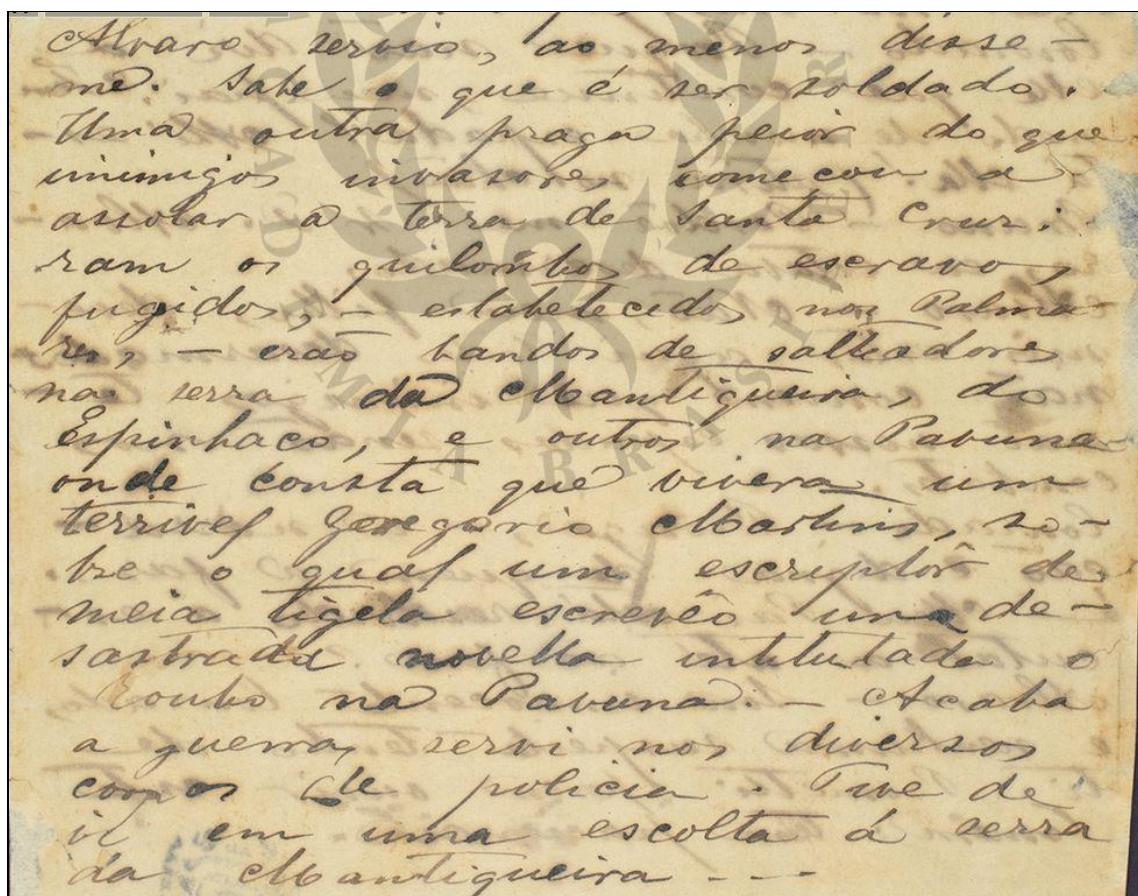
Não é raro que escritores se vinguem de pessoas reais por meio de sua ficção. E foi exatamente esse tipo de vingança a perpetrada por Varela em um trecho do drama "A Morte do Capitão-Mor".

Sem nenhum motivo lógico na estrutura da história, o personagem Bruno, na cena do clímax, relata:

"Bruno — [...] Uma outra praga pior do que inimigos invasores começou a assolar a terra de Santa Cruz: eram os quilombolas de escravos fugidos, estabelecidos nos Palmares, eram bandos de salteadores na serra da Mantiqueira, do Espinhaço, e outros na Pavuna, onde consta que vivera um terrível Gregório Martins, sobre o qual um escritor de meia tigela escreveu uma desastrada novela intitulada *O Roubo na Pavuna*".

Gregório Martins é o vilão (assassino) de "Um Roubo na Pavuna".

O trecho do manuscrito, na página 82.



Que motivo técnico ou artístico teria Fagundes Varela para incluir na história essa menção a "Um Roubo na Pavuna"? O livro, lançado em 1843, não tivera nenhuma repercussão no meio literário, quanto mais entre o público leitor. Isso significa que a menção à obra, à qualidade da obra e ao seu escritor, em 1864, não encontrariam eco na memória dos espectadores da peça, porque estes não possuíam nenhuma referência para dar sentido às observações críticas.

Mas as referências fazem sentido se percebemos o caráter autobiográfico do drama (a complicada relação de Varela com o pai e os parentes), se conhecemos a relação conturbada entre Fagundes e Carlos Arthur, e se consideramos essas referências como uma vingança literária do poeta: uma reclamação de caráter pessoal, entre tantas presentes em "A Morte do Capitão-Mor". O motivo não foi técnico ou artístico, e sim humano.

É somente dentro desse contexto (um texto autobiográfico de desabafo contra a família e o destino, redigido em forma de drama teatral) que podemos situar com propriedade as menções inesperadas e impróprias a "Um Roubo na Pavuna" e a seu autor, não especificado na peça (o tio Carlos Arthur).

Há, ainda, uma questão de falta de verossimilhança no trecho referido: um personagem pobre e inculto, que vivia com salteadores na floresta, comentando sobre um romance que teria lido e sendo esperto o suficiente para julgar a história e o autor, numa época em que poucos brasileiros tinham acesso aos livros.

Além disso, trata-se de uma digressão literária sem nenhuma importância para a defesa que o personagem fazia de si mesmo, ao ser acusado de assassinato.

Por fim, a cena é o clímax da história, situação em que um autor evita todo tipo de desvio que possa diminuir a tensão entre os personagens.

Mais informações em artigo futuro.

"Balthazar", o dramaabolicionista perdido de Fagundes Varela

Atualmente, só há evidências da autoria de três peças teatrais por Fagundes Varela:

- (1) "39 Pontos" (na verdade, uma cena cômica, em forma de monólogo), porque o título e a autoria constam de vários anúncios de sua apresentação no Teatro de São José, em 1864, e de uma breve nota literária à época da encenação;
- (2) "A Morte do Capitão-Mor", por ser o único texto dramático preservado, em forma de manuscrito; e
- (3) "Baltazar", por haver uma resenha do drama, baseada em original que seria publicado em livro.

A resenha era, até agora, um mistério, e havia dúvidas de que tivesse sido realmente publicada: "Não foi possível, até hoje, encontrar a peça nem o artigo referido, permanecendo ambos no terreno da especulação" (Elizabeth Ribeiro Azevedo).

Sacramento Blake diz que os originais foram encontrados entre as obras do poeta, mas não explica que fim levaram. Já Edgard Cavalheiro (1956) duvida que eles tenham existido, pelo menos como obras acabadas, acreditando que sejam apenas projetos irrealizados. A data em que teriam sido escritos não é referida. Cavalheiro afirma também que encontrou num jornal do Rio de Janeiro de 1870 uma crítica de Pessanha Póvoa quando da publicação de um drama de Varela chamado *Baltazar*. Póvoa descreveria rapidamente o enredo como o de um escravo que foge e que, depois de 15 anos, é encontrado pelo seu senhor quando tentava partir com a filha de um

Material com direitos autor

fazendeiro com a qual tinha se casado. Póvoa acrescentaria ainda que o drama seria mais indicado para a leitura do que à representação. Não foi possível, até hoje, encontrar a peça e nem o artigo referido, permanecendo ambos no terreno da especulação.

"Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX", páginas 134 e 135, Elizabeth Ribeiro Azevedo, Editora Annablume, 2000.

https://books.google.com.br/books?id=I_CDjBFsfWwC&lpg=PA134&ots=cL0jJLcXQJ&dq=%22admirador%20e%20continuador%20da%20poesia%20no%20estilo%20de%20alvares%22&hl=pt-BR&pg=PA135#v=onepage&q=%22admirador%20e%20continuador%20da%20poesia%20no%20estilo%20de%20alvares%22&f=false

Mas ela existe: assinada pelo "Editor Coutinho", saiu em duas partes no "Diário do Rio de Janeiro", em 25 e 27 de junho de 1870. Escrita por Pessanha Póvoa, a resenha é critica à intenção de Varela, ao tratamento do tema da escravidão e à própria destinação da peça (o teatro), sugerindo que não fosse encenada, e sim lançada como um romance.

Texto integral da única resenha do drama abolicionista "Baltazar"

LITERATURA

BALTHAZAR

DRAMA EM 3 ATOS DE L. N. FAGUNDES VARELLA.

(EDITOR COUTINHO).

Os bandos de aventureiros do mar que acharam no tráfego da escravatura um emprego mais lucrativo do que nos sucessos da pirataria, e que fizeram das costas do Atlântico o anfiteatro de suas rapacidades e das cenas mais horrorosas que jamais testemunhara a bárbara antiguidade, desde 1820 flagelaram o continente americano Norte e Sul.

Os primeiros possuidores de escravos foram os homens livres que fundaram a América do Norte; e poucos anos depois os jesuítas foram os introdutores de negros no Paraguai.

Um navio negreiro aportou a *Yamestow* [Jamestown] na Virgínia, e logo outro em *Plymouth*.

Desde então multiplicaram-se[,] e logo os amadores escolheram pontos por toda a América. Em uma dessas levas o *demônio de estamenha* [tecido com que se vestiam os escravos] também entrou nesse comércio, e, em pouco tempo, cruzavam as águas sul-americanas os contrabandistas de negros.

Os aventureiros de comércio que em todos os tempos e países foram os civilizadores dos bárbaros, para o Brasil foram os sempre malfeiteiros e responsáveis pelo estrago desta nação. Lá e aqui foi o comércio de carne humana a ocupação de muitos especuladores, que pagaram bem caro esses crimes, uns na desgraça pela pobreza, outros deportados.

Desde 4 de julho de 1776 a União Americana trabalhava para abolir dentre as famílias livres a tribo escrava, e com efeito a última guerra civil trouxe esse resultado. Há de a póstera geração glorificar os nomes de [Harriet] Beecher Stowre ["Stowe", autora de "A Cabana do Pai Tomás"], Seward [William H. Seward, secretário de Estado no governo de Abraham Lincoln], Summer [Charles Summer, senador abolicionista] e John Brown [militante abolicionista que assassinou apoiadores da escravidão], esses instrumentos da Providência. Há de abençoar Lincoln, o executor dos seus desígnios.

O Brasil, com a lei de 7 de novembro de 1831, proibiu a importação de escravos e seus estadistas promovem, de acordo com o Imperador e o conselho de Estado, a emancipação do elemento servil.

As cenas da escravidão nas duas Américas mereceram a dedicação de muitas inteligências, de escritores notáveis e viajantes que fizeram revista e crônicas, memórias e folhetos em tal quantidade que a todos chegavam. Não quero deixar aqui esse traço histórico consignando essa página negra e sanguinolenta como a maior ignorância que obscurece toda a virtude cívica e política que porventura adornem a fronte do Imperador do Brasil.

A história oficial diz que o governo do Brasil quer abolir a escravidão mas os áulicos mentem, e hoje talvez só por um meio ela se opere.

Deve-se muito ao senador liberal Silveira da Motta, e merece-nos alguma atenção o livro do Dr. Perdigão e os trabalhos do Dr. Silva Netto, e recentemente a mais útil e mais copiosa obra do Sr. Dr. Tito Franco.

As peripécias, os mil episódios que a vida do escravo oferece na nossa sociedade, têm sido motivo de romances e dramas que fazem causa comum em artigos e programas de sociedades que temos tido com o fim de *manumitir* [dar alforria a] escravos.

Apesar desses protestos, dessas revelações, dessas denúncias escritas, ora na forma do romance, ora da poesia, ora do drama, a astúcia *traiçoeira tem vencido a coragem descoberta* e os crimes continuam, porque há o escravo e há o azorrague [açoite].

De tantas e tão repetidas cenas da escravidão o Sr. Varella escolheu uma que é o assunto do seu drama.

A tese é bonita, é real, é cristã, e isto basta para ser verdadeira; mas não serei eu quem a sustente no drama.

Um escravo foge e no fim de quinze anos impõe a sua liberdade ao senhor que o surpreende no momento em que ele na fazenda de um visconde prepara-se para levar consigo a filha desse titular com a qual vai unir-se por matrimônio, tendo a moça ouvido do comendador Mário e do próprio Balthazar, que é este o protagonista do drama, a confissão de que é escravo e aquele comendador o seu senhor.

Eu não posso legitimar esse atentado contra o pudor, nem dar corpo de doutrina a uma aberração tão cínica. Sei até onde o afeto pode desarmar a razão e quanto a sensibilidade moral influí no espírito de uma mulher: mas estou convencido de que aquele casamento só se realizou na imaginação do poeta.

O Sr. Fagundes Varella é uma inteligência ardente, porém suscetível de levá-la a paradoxos e a criar, na ordem moral, coisas espantosas.

Tudo quanto tem lhe sido títulos de poeta, revelam de que origem e força são os seus talentos na poesia e no romance; no drama não acontece o mesmo, a julgar por este.

O editor Coutinho apresentou-me o drama e uma carta do Sr. F. Varella exigindo uma crítica sobre o seu trabalho. Está longe da Corte o autor[,] e eu, com acanhamento,

declaro que não posso vender a minha consciência dizendo que este drama deve ser lido e não representado.

Que juízo fariam de mim os leitores de *Joseph de Maistre* ["Maistre"] e *Donoso Cortez* [Juan Donoso Cortés; ambos, autores religiosos e conservadores]? E aqueles que condenaram *As Asas d'um Anjo* [peça teatral de José de Alencar, censurado sob alegação de imoralidade]? E os [ilegível] dos *Anjos de Fogo*?

Fisiologista positivo da escola da [ilegível], mais adiantada que a do Sr. Dr. Mello Moraes, o Sr. Fagundes Varella não dissimula as saliências doentes do nosso corpo social, entretanto por ser brasileiro deve distrair dessa ocupação a sua inteligência para [ilegível] assuntos que já estudou e outros distantes do seu talento, deixando a chaga [ilegível] [...] memórias de um governo corrupto, como foi aquele que desde a nossa emancipação política tolerou a escravidão a ponto de por ela legislar-se.

Seus altos conhecimentos de justiça e humanidade inspiraram-se na verdade[,] e querendo estrear na literatura dramática, deu exemplo de capacidade para, em pouco tempo, ter mais o título de dramaturgo.

Não aconselho o autor a mandar representar o drama *Balthazar* porque a tese é ["ofensiva"] da alta moral.

Devemos escrever e narrar fatos dessa ordem; mas por ser estigma e por ser vergonha da família brasileira, o teatro estrangeiro que explore essa mina e nós apenas testemunharemos a miséria desta nação que se aviltou desde que não tirou de seu seio esse monstro que a tem abastardado.

Para ser rigorosamente julgada a composição do Sr. Varella, direi que não é um drama. Falta-lhe interesse dramático, variedade nos episódios, verossimilhança de ação profunda, análise do coração humano, pintura enérgica dos caracteres, conhecimento da história da escravidão entre nós. O que li serve para o romance. Há um diálogo no 2º ato e [o qual] sustenta a 2ª cena, que bem define as tendências do autor.

(Continua.)

Primeira parte da resenha, publicada no "Diario do Rio de Janeiro", 25/6/1870, número 173, páginas 3 e 4.



http://memoria.bn.br/docreader/094170_02/26009

http://memoria.bn.br/docreader/094170_02/26010

LITERATURA

BALTHAZAR

DRAMA EM 3 ATOS DE L. N. FAGUNDES VARELLA.

(EDITOR COUTINHO).

(Conclusão)

Cena 2^a

BALTHAZAR E O VISCONDE.

Balthazar — Venho lhe pedir um favor.

Visconde — Qual?

Balthazar — O perdão da escrava que mandou castigar.

Visconde — Esta punição é necessária; meus escravos tornam-se dia a dia mais insubordinados. Para essa raça miserável só há uma lei, o terror!

Balthazar — Mas essa lei é cruel.

Visconde — Cruel! E haverá outro meio de conter centenares [centenas] de criaturas estúpidas, inferiores aos mais desprezíveis animais? Haverá outro modo de reprimir os instintos depravados de uma classe ignobil, marcada desde o berço com o ferrete do cativeiro? Haverá outro corretivo, que não sejam o tronco, a corrente e os açoites?

Balthazar — Há.

Visconde — Quais são?

Balthazar — As palavras do Cristo, os princípios de nossa religião sublime.

Visconde — Isso seria bom se tratássemos de homens.

Balthazar — Então o escravo?...

Visconde — Não é homem.

Balthazar — Que tenebroso espírito lhe ditou esta máxima?

Visconde — O espírito da verdade.

Balthazar — Pobre verdade.

Visconde — E no entanto ela constitui a maior riqueza daquele que a possui.

Balthazar — Se fosse dado a uma criatura possuí-la.

Visconde — O Sr. é proprietário. Já pôs em prática o seu sistema evangélico?

Balthazar — Eu me consideraria o mais infeliz dos mortais se a minha fortuna se baseasse sobre a liberdade de meus semelhantes.

Visconde — Como? Não tem escravos? Quando lhe vendi a fazenda não lhe vendi também grande número de escravos?

Balthazar — É verdade, mas libertei-os com a condição de me auxiliaram durante dois anos.

Visconde — E por que esta condição?

Balthazar — Porque havia também necessidade de emancipação moral.

Visconde — Que filantropia! Mas digam-me: julga-se seriamente igual a um escravo?

Balthazar — Só conheço uma escravidão: é a do erro.

É fora de dúvida que a filosofia ocupa um lugar honroso e vê-se que abolicionista será o Sr. Varella, se do drama passar ao livro como fizeram *Canning* [George Canning, primeiro-ministro inglês em 1827] e outros.

O visconde representa o [espírito] fanático de todo proprietário de escravos, e por ser fanatismo não raciocina[,] e com isso está explicada a razão por que ele profere tantos disparates. As respostas de Balthazar são filhas de lógica que o desespero cria e derivam-se desta amarga verdade — *a dor é o aguilhão da vida*.

Penso que a causa divina da liberdade e da igualdade merecerá a atenção do Sr. Varella, tomando por tese a força e o carrasco e todos os aparelhos do ignominioso suplício de que nos dias de colônia portuguesa e até o momento em que se demoliu o último pelourinho, esta população e todas as mais do Império foram testemunhas.

No ponto de vista filosófico a escravidão é um atentado contra todas as leis sociais, contra o direito natural: no ponto de vista político, um crime contra a integridade da vida humana, um monstruoso sacrilégio, um assassinato contra a razão e o direito.

Acabou a aristocracia feudal, mas existe a aristocracia agrícola, e essa fez monopólio desse grande crime, dessa usurpação consagrada sob títulos de direito.

O assunto é vasto e que o explorar, como o Sr. F. Varella pretende, há de enriquecer a história dos mártires da dedicação, vítimas sacrificadas ao egoísmo e à estupidez, ao despotismo do ouro, que é o mais abjeto e selvagem.

A escravidão acabrunha, prostitui, desvirtua de tal modo a natureza humana, que na maior parte dos países onde ela existe, o escravo suporta a morte para evitá-la.

Destituindo a consciência e o espírito, a escravidão faz de um nosso semelhante [uma] coisa! Vai além: e o reduz a bruto, exceção do homem, do homem que já é uma exceção da natureza.

O escravo, sem proteção contra o insulto, instrumento mandatário ignobil, tudo comete, tudo pratica em nome da sociedade que lhe ordena, e descendo a todas as infâmias sem ter às vezes consciência de que as pratica, fica abaixo do galé, o ser desgraçado que está abaixo da lei. Para aquele, o azorrague; para este a calceta.

Não pode haver mais lastimável destino do que este: *o homem morre no escravo!*

A escravidão, que nem se justifica antes as necessidades da indústria, nem ante as conveniências da política! Eis a face da questão para o Sr. Varella escrever um poema, um grande romance, um drama com outros episódios.

A mocidade provida de grandes estímulos, que nesta época tem-se avantajado em letras e ciências, há de receber com estremecido júbilo esta amostra do festejado talento do autor dos *Cantos Meridionais*.

Grandes são triunfos que o Sr. F. Varella assinala. No gênero fantástico e romanesco, no elegíaco e bucólico, na ode, no poema, na sátira, no idílio, no cômico e no epistolar, fez-se admirado e imitado o Sr. F. Varella. Nas duas academias jurídicas do Império o seu gênio foi e é atacado com respeito e venera-se a sua prodigiosa imaginação. Sem as brutalidades da *musa estragada* de Lord Byron, e longe da subserviência de *Álvares de Azevedo*, pelos seus modelos, o Sr. F. Varella, sem pedir vênia aos *arcaicos*, propagou as suas doutrinas e a sua escolha teve prosélitos.

Quem escrever-lhe a fisionomia literária[,] longe irá no dizer dessas belezas que o alindam e que fazem do seu todo o tipo da sedução poética.

Se fosse possível admitir as realezas literárias, eu pediria ao *supremo* distribuidor de cetros um trono para o *augusto* poeta L. N. Fagundes Varella.

PESSANHA PÓVOA.

Segunda parte da resenha, publicada no "Diario do Rio de Janeiro", 27/6/1870,
número 175, páginas 2 e 3.

LITTERATURA.

BALTHAZAR

DRAMA EM 3 ACTOS DE L. N. FAGUNDES VARELLA.
(EDITOR GOUTINHO).
(Concluído)

Scena 2.

BALTHAZAR E O VISCONDE.

* Balthazar.— Veelho lhe pedir um favor.
Visconde.— Qual?
Balthazar.— O perdão da escrava que mandou castigar.
Visconde.— Esta punição é necessaria; meus escravos tornam-se de dia a dia mais insubordinados. Para essa raça miscrável só ha uma lei, o terror!
Balthazar.— Mas essa lei é cruel.
Visconde.— Cruel! E haverá outro meio de conter centenares de criaturas estupidas, inferiores aos mais desprezíveis animaes? Haverá outro modo de reprimir os instintos depravados de uma classe ignobil, torpe, marcada desde o berço com o ferrete do captivoiro? Haverá outro correctivo, que não sejam o tronco, a corrente e os agoutes?
Balthazar.— Ha.
Visconde.— Quais são?
Balthazar.— As palavras do Christo, os principios de nossa religião sublime.
Visconde.— Isso seria bom se tratássemos de homens.
Balthazar.— Então o escravo?...
Visconde.— Não é homem.
Balthazar.— Que tenebroso espírito lhe ditou esta maxima?
Visconde.— O espírito da verdade.
Balthazar.— Pobre verdade.
Visconde — E no entretanto ella constitue a maior riqueza daquelle que a possee.
Balthazar.— Se fosse dado a uma criatura humana possuise-a.
Visconde.— O Sr. é proprietário. Já p'z em pratico o seu sistema evangélico?
Balthazar.— Eu me consideraria o mais infeliz dos mortaes se a minha fortuna se basasse sobre a liberdade de meus semelhantes.
Visconde.— Como? não tem escravos?
Quando lhe vendi a fazenda não lhe vendi também grande numero de escravos?
Balthazar.— É verdade, mas libertei os com a condição de me auxiliarem durante dous annos.
Visconde.— E porque esta condição?

http://memoria.bn.br/docreader/094170_02/26016

http://memoria.bn.br/docreader/094170_02/26017